

## TRAVESSIAS DO SENTIDO: FIGURAÇÕES SEMIÓTICAS NA LITERATURA SURDA

### THE CROSSINGS OF MEANINGS: SEMIOTIC FIGURATIONS IN DEAF LITERATURE

Janaína Aguiar PEIXOTO (UFPB)

**Resumo:** Este trabalho, numa perspectiva teórico-biográfica, debruça-se sobre adaptações do conto infantil *Os três porquinhos*, com vistas a examinar os movimentos semióticos que se inscrevem nestas narrativas, envolvendo-as em novas redes de significação.

**Palavras-chave:** Literatura. Os três Porquinhos. Semiose

**Abstract:** This paper, in a theoretical and bibliographic perspective, will address adaptations of the children's story *Os Três Porquinhos*, with the purpose of examining the semiotic movements that these narratives enroll, embracing themselves in new signification chains.

**Keywords:** Literature. Os três Porquinhos. Semiotics.

#### 1. Vivendo em dois mundos

No mundo em que vivemos, duas realidades coexistem: uma baseada em vivências sonoras, que geram o léxico de uma língua oral-auditiva, a palavra, produzida pela comunidade ouvinte<sup>1</sup>, comunidade linguística majoritária; e uma vivência de mundo baseada em informações visuais, que geram o léxico de uma língua visuo-espacial, o sinal, produzido pela comunidade linguística minoritária denominada de comunidade surda.

Partindo deste entendimento, a minoria linguística identificada como comunidade surda brasileira compartilha o mesmo espaço geográfico com a comunidade ouvinte brasileira e os mesmos referenciais da cultura nacional, porém, além disso, possui também sua própria: cultura, língua e literatura. Sendo assim, os membros desta comunidade minoritária vivenciam a condição de cidadãos brasileiros biculturais e bilíngues.

Conforme uma definição muito conhecida dada pelo antropólogo Tylor in Helman (2003, p. 12) cultura é “aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e todas as outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da

---

<sup>1</sup> Termo utilizado na comunidade surda para denominar as pessoas que ouvem.

sociedade.” Nesta afirmativa constatamos que não podemos limitar o conceito de cultura apenas para seus aspectos internos ou invisíveis (ex: crenças), da mesma forma que o contrário também não pode acontecer, ou seja, menosprezar os aspectos subjetivos de uma cultura e exaltar apenas os aspectos externos e tangíveis (ex: arte). Em concordância com isto, a autora surda Strobel (2008), apresenta oito exemplos de produções que emergem da cultura surda e refletem o jeito surdo de ser, ver e entender o mundo: experiência visual, linguístico, familiar, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais.

Como vimos, a literatura é um dos artefatos culturais exemplificados pela autora supracitada, pois embora seja uma minoria, a comunidade surda, que possui uma língua na qual seus integrantes se comunicam, gera uma diversidade de discursos carregados de valores e crenças originadas da cultura compartilhada entre seus pares. Consequentemente, esses discursos se transformam em textos e os textos vão se agrupando em gêneros textuais e literários.

Da mesma maneira que em outras comunidades linguísticas, a literatura, como manifestação artística, recria e reconta a realidade do grupo em questão, gerando textos literários que originam das suas relações humanas. Possibilitando assim, através da literatura que experiências vividas por uma comunidade, grupo ou povo de determinada época e local, seja preservada através do registro e conhecida por um público incontável, pois não fica aprisionada à um tempo ou espaço. Quanto a isso Cândido (1976, p. 139-140) detalha:

Toda *obra* é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A *literatura*, porém, é coletiva, na medida em que requer certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, - para chegar a uma “comunicação”. Assim, não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal) segundo um estilo embora (embora nem sempre tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enforme a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo.

Ao aplicar esta afirmativa no presente trabalho é possível direcionar a reflexão da seguinte forma: “os homens pertencentes a um grupo” em questão são os integrantes da comunidade surda; A “comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem)” é a língua de sinais; As “afinidades profundas” desta comunidade linguística, estão ligadas diretamente a surdez e a vivência de mundo baseada em experiências visuais; E por fim, “o lugar”, é o Brasil

e o “momento” compreende o período de 1999 (data do primeiro registro<sup>2</sup> da literatura surda brasileira) até os tempos atuais.

Depois de 2002, houve um evidente aumento das reações literárias por parte dos autores surdos devido ao efeito da lei<sup>3</sup> que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como língua da comunidade surda brasileira. Além disso, outro fator que favoreceu e incentivou novas produções literárias nesta comunidade foi o surgimento do curso Licenciatura em Letras com habilitação em LIBRAS, que possui a Literatura Surda como disciplina integrante na sua grade curricular<sup>4</sup>. Sendo assim, atualmente há registros de várias obras literárias de diversos gêneros produzidas na comunidade surda brasileira.

## 2. As produções literárias da comunidade surda brasileira

Em relação aos tipos de produções literárias que formam a literatura visual<sup>5</sup> ou literatura surda, Porto e Peixoto (2011; 168,169) apresentam três categorias:

Na atualidade podemos considerar três tipos de produções literárias visuais. A primeira está relacionada à tradução para a língua de sinais dos textos literários escritos; a segunda é fruto de adaptações dos textos clássicos a realidade dos Surdos e por fim, o tipo que realmente representa o resgate da literatura Surda que é a produção de textos em prosa ou verso feitos por surdos.

Seguindo esta classificação de produções literárias surdas, proposta por Porto e Peixoto (2011), a seguir veremos as características e exemplos de cada uma. O primeiro tipo que abordaremos é denominado de obras traduzidas.

### 2.1. Obras traduzidas

Nesta categoria é possível encontrar dois tipos de tradução de obras literárias para a LIBRAS: tradução escrita através do uso da ELS (Escrita da Língua de Sinais) ou Sign Writing,

---

<sup>2</sup> Não significa que antes dessa data não havia narrativas, poesias e fábulas compartilhadas por meio da língua de sinais. Esta data representa o início do registro, devido ao avanço tecnológico que garantiu meios de preservação adequada dessas produções literárias na língua visuo-espacial em vídeo.

<sup>3</sup> Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 regulamentada pelo Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

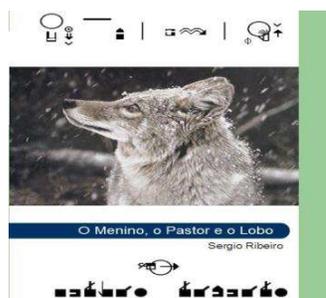
<sup>4</sup> O curso pioneiro na modalidade a distância iniciou no ano seguinte ao decreto (2006) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A segunda instituição a abrir o curso de Licenciatura em Letras/Libras, em 2010, foi a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e contempla alunos de diversos estados até os momentos atuais. Depois dessas ações pioneiras diversas instituições federais abriram o curso de Licenciatura e Bacharelado em Libras na modalidade presencial.

<sup>5</sup> Outro nome para a literatura surda, pois estas produções originam-se de uma língua visuo-espacial, a língua de sinais.

como é denominada mundialmente e tradução sinalizada através da Língua de Sinais registrada em vídeo.

Durante a pesquisa deste trabalho encontramos apenas três obras traduzidas para a escrita de sinais: *O Menino, o Pastor e o Lobo* (Figura 1), *Davi e Noé*<sup>6</sup>. Todas de autoria de Sérgio Ribeiro. Essa escassez de obras literárias registradas com traduções nesta modalidade da língua deve-se a descoberta hodierna da ELS, que ainda está sendo fomentada aqui no Brasil.

Figura 1: Obra traduzida para a ELS



Fonte: [www.culturasurda.com.br/produtos.html](http://www.culturasurda.com.br/produtos.html)

Por enquanto a realidade atual, infelizmente, consiste no fato de que o público atingido por estas obras ainda é muito restrito, porém a ELS, vem sendo difundida nos cursos Letras/LIBRAS como disciplina em todo o país. Além disso, alguns dos professores licenciados neste curso já estão atuando em escolas das redes municipais e estaduais colocando em prática o ensino do registro escrito da língua de sinais para crianças surdas.

Em relação à tradução para a modalidade sinalizada da Língua de Sinais registrada em vídeo, encontramos um número mais significativo do que a quantidade de obras traduzidas para a modalidade escrita da língua: *Alice no País das Maravilhas*, *A Lebre e a Tartaruga*, *João e Maria*, *Os três porquinhos*, *Patinho Feio*, *Os três Ursos*, *O Sapo e o Boi*, *O Lobo e a Cegonha*, *A reunião geral dos Ratos*, *O Leão Apaixonado*, *A queixa do Pavão*, *A Raposa e as Uvas*, *As Gêmeas e o Galo*, *O Cão e o Pelicano*, *Os Pelicanos amigos*, *O Cão e o seu osso*, *O Sol e o Vento e Pinóquio*, *Cinderela*, *A Bela adormecida*, *O Curupira*, *A lenda da Iara*, *A lenda da Mandioca*, *A Galinha Ruiva*, *A galinha dos ovos de ouro*, *O Cão e o Lobo*, *O Leão e o Ratinho*, *O Corvo e a Raposa*, *A Cigarra e as Formigas*, *O Pastor e as ovelhas*, *O gato de Botas*, *A roupa nova do Rei*, *Rapunzel*, *Os trinta e cinco camelos*, *Aprende a escrever na areia*, *O cântaro Milagroso*, *Dona Cabra e os Sete cabritinhos*, *As Fadas*, *O Príncipe Sapo*. Além desses

<sup>6</sup> As obras com as traduções das histórias de *Davi e Noé* estão disponíveis gratuitamente na internet, já a publicação com a tradução de *O Menino, o Pastor e o Lobo* está sendo vendida pelo autor.

exemplos de contos, lendas e fábulas, no site youtube.com existe diversos vídeos de traduções do gênero poético.

Figura 2: Cinderela (obra traduzida)



Fonte: Youtube.com

Como é possível verificar na Figura 2, o texto original traduzido para a Libras registrado em vídeo é repleto de informações visuais, como cenários figurinos e representação teatral, além de utilizar várias técnicas cinematográficas. Para esta combinação de signos linguísticos e não linguísticos identificados na composição da tradução para Libras, nesta produção filmica apresentada no exemplo, e em outras traduções na modalidade sinalizada registrada em vídeo, verifica-se que há uma relação semiótica. Nesse sentido, com base na tipologia de tradução apresentada pelo linguista russo Jakobson (1969), contata-se que esta tradução além de ser interlingual classifica-se como intersemiótica, pois nesse processo tradutório ocorreu também a transmutação de um sistema de signos para outro, como da arte verbal para arte cinematográfica.

## 2.2. Obras Adaptadas

Diferente das traduções que devem fidelidade e imparcialidade aos textos originais, as adaptações podem alterar, omitir e acrescentar informações nas obras literárias como: personagens, época, lugar, dentre outros. Esses tipos de mudanças consistem na adaptação de textos clássicos que recontam a história com elementos culturais da comunidade surda objetivando gerar identificação e interesse pela obra.

Na categoria de literatura adaptada, ou seja as recriações de histórias clássicas para o contexto dos sujeitos surdos, encontramos: *Rapunzel Surda*, *Patinho Surdo*, *Adão e Eva* (publicadas em livros bilíngues com as escritas da língua de sinais e língua portuguesa),

*Escorpião e a Tartaruga*<sup>7</sup> (publicada em vídeo, no formato de texto sinalizado), *Fábula da Arca de Noé*<sup>8</sup> (bilíngue, com DVD contendo a história sinalizada em Libras e o livro com a versão em Língua Portuguesa). Essas histórias adaptadas são transmitidas entre os surdos em Língua de Sinais através de uma tradição sinalizada ao longo dos anos, porém além de assegurar o registro para as gerações surdas futuras, houve também a preocupação com a difusão na comunidade ouvinte, pois as três primeiras obras foram publicadas na modalidade escrita, como esclarece Karnoop (2006, p:102):

Cabe considerar que inúmeras histórias são contadas em línguas de sinais pelos surdos, mas que não são registradas em livros para a divulgação e leitura das mesmas em escolas de surdos e na comunidade em geral. [...] A LIBRAS é uma língua visual-gestual e recentemente seus usuários têm utilizado a escrita em seu cotidiano. Sign Writing é a forma de registro das línguas de sinais e raras são as obras literárias produzidas através dessa escrita. No entanto, na LIBRAS, encontramos uma vasta e diversificada história de literatura popular, presentes em associações de surdos, em escolas, em pontos de encontro da comunidade surda. Grande parte dessa literatura tem sido registrada em fitas de vídeo na LIBRAS ou, então, traduzida para a língua portuguesa. As narrativas, os poemas, as piadas e os mitos que são produzidos servem como evidências da identidade e da cultura surda.

Nesse sentido, dos espaços de socialização surgem as narrativas de humor, poesias surdas dentre outros textos sinalizados de diversos gêneros, que exploram a expressão facial e corporal, e que em sua grande maioria, abordam temáticas que refletem a incompreensão dos surdos em relação à cultura ouvinte e vice-versa. Como em toda piada existe uma vítima, assim como acontece na piada do brasileiro que a vítima é sempre o português, nas piadas de surdos, a vítima é sempre o intérprete de língua de sinais, por ser o ouvinte mais próximo deles.

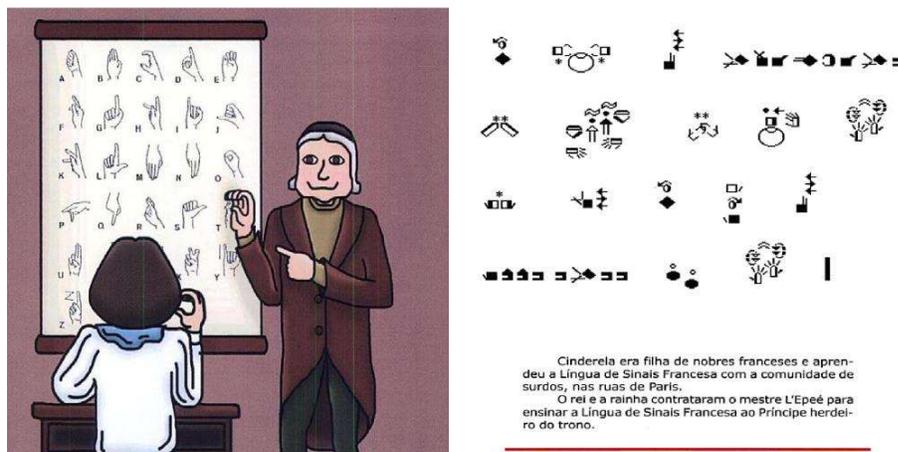
Na obra adaptada *Cinderela Surda* (exemplo abaixo na Figura 3), fica evidente a presença de elementos históricos significativos para os sujeitos surdos. Além dos protagonistas da história serem surdos, o personagem acrescentado é nada mais nada menos que o ilustre educador de surdos francês, Abade Charles Michel L'Eppé, personalidade importante na história da educação de surdos mundial. Outro elemento relevante no contexto cultural dos surdos é o fato de que esta Cinderela não perde o sapatinho no baile, mas o objeto perdido trata-se de uma das luvas que usava na célebre noite. Esta parte da história acentua a valorização das mãos<sup>9</sup> para a expressão e comunicação desta comunidade linguística.

7Do autor surdo Rimar Ramalho Segala, esta é a única das adaptações citadas que não foi produzida na modalidade escrita, mas em vídeo (disponível no youtube.com). Esta obra consiste na adaptação da Fábula de Esopo “O Escorpião e o Sapo”.

8 Do autor surdo Cláudio Henrique Nunes Mourão.

9 Embora o símbolo internacional da surdez usado na comunidade ouvinte seja uma orelha cortada remetendo a perda da audição enfatizando o que falta no sujeito surdo, na comunidade surda, o tema recorrente nas expressões artísticas, bem como nas produções literárias desta comunidade consiste na ênfase do que está presente, a habilidade visual e gestual representada pelas mãos e pelos olhos.

Figura 3: Cinderela surda (obra adaptada)



Fonte: books.google.com.br<sup>R</sup>

### 2.3. Obras criadas

Nesta categoria agrupam-se as obras originais dos autores surdos. Geralmente<sup>10</sup> essas obras são geradas em língua de sinais, ou seja, produzidas por sujeitos surdos na sua língua natural e registrada nesta mesma modalidade sinalizada em vídeo. Por ter um número significativo de obras criadas por surdos, difundidas em mídia digital, citaremos apenas alguns exemplos desta ampla lista.

Em Peixoto (2016), foram catalogadas setenta (70) obras do gênero poético com registro em vídeos disponíveis em sites de domínio público como youtube.com e vídeos comercializados pela empresa LSBvideo. Foram encontradas nesta pesquisa, poesias com temáticas que envolvem o Mundo Surdo (26 obras), Religiosa (13 obras), Datas comemorativas (12 obras), Amor (7 obras), Terra Natal (4 obras), Natureza (3 obras), Outras (5 obras).

As poesias em línguas sinalizadas possuem características específicas que definem esse gênero textual denominado de texto lírico ou poético, como afirma Sutton-Spence (2005, p. 14-15):

A poesia escrita pode ser indetificada por sua disposição na página: parece poesia porque a estrutura é diferente do que a prosa. A poesia falada (e a poesia sinalizada) podem ser reconhecidos pelo estilo da declamação da poesia. Geralmente, o ritmo, a língua elevada, metáfora e repetição de vários elementos são todos dispositivos usado

<sup>10</sup> Apesar de a maioria das obras criadas por sujeitos surdos serem registradas em vídeo, encontramos um livro de poesia escrito pela autora surda Ronise Oliveira e a existência de várias poesias da autora surda Shirley Vilhalva, principalmente em seu segundo livro o *Despertar do Silêncio* (2004). Embora não tenha sido encontrado ainda publicações com narrativas e poesias originalmente criadas por surdos registradas em escrita da língua de sinais, é um fato inevitável de acontecer, pois é o percurso natural literário.

para maximizar o significado do poema. Os elementos de linguagem na poesia em língua de sinais são bastante diferentes do ritmo e métrica que são familiares para a maioria do público ouvinte, e repetições de elementos dos sinais e criação de novos sinais são características importantes da maioria dos poemas da língua de sinais. No entanto, a ideia de maximizar a mensagem através da linguagem especialmente elevada é o mesmo na poesia em todas as línguas, quer sinalizada ou falada.

Em relação ao gênero narrativo, os irmãos surdos Rimar Ramalho Segala e Sueli Ramalho, são autores de diversas narrativas com auto teor metafórico, característica marcante de suas obras. A exemplo disso, é possível citar a saga “*Fazenda*” disponíveis no youtube.com, que dentre as suas narrativas contém as publicações de: *Fazenda: Pato*, *Fazenda: Vaca*, *Fazenda: Galinha*, *Fazenda: Peixe* e *Fazenda: Gavião*. Além dessas, é possível citar também os exemplos das narrativas intituladas de *Arrogância* e *Bolinha de Ping-pong*.

Com base na tipologia apresentada das obras integrantes à Literatura Visual<sup>11</sup> constatamos que a variedade de formas de registro é um ponto relevante na literatura produzida pela comunidade surda. Pois como vimos, temos publicações de: livros impressos com textos na língua portuguesa, livros impressos com textos na escrita da língua de sinais, livros bilíngues contendo essas duas escritas, livros bilíngues com o texto em língua portuguesa acompanhado do DVD com a texto em língua brasileira de sinais, livros digitais (DVDs) com vídeo do texto em libras e legenda em língua portuguesa, textos sinalizados publicados em vídeo exclusivamente em Libras (representando a maioria das produções).

Essa pluralidade é possível pois a expressão literária, não está limitada em textos organizados em formato de livro, como muitos até os dias atuais ainda defendem baseados na etimologia da palavra literatura, que significa letra, reportando assim, a ideia de texto escrito. Contudo, a pioneira literatura oral, não foi anulada com o surgimento da escrita e consequentemente de uma sociedade letrada. Mesmo que, seja notório a preponderância das literaturas publicadas no formato escrito, há sociedades em que as duas tradições (oral e escrita) coexistem. Em consonância com isto, a afirmativa abaixo esclarece:

As cantigas, os folhetos de cordel, os romances orais, os contos, as fábulas e demais espécimes literários, provenientes da criação popular, dialogam com o passado e suas ideologias. Entretanto esse contato com as nossas raízes jamais implicará uma acomodação ingênua ao conservadorismo. Estamos nos referindo a artefatos linguísticos que não estão presos em bibliotecas, que não estão aprisionados em pergaminhos, que não estão sob o jugo de escribas e letrados. Pelo contrário, gozam da liberdade dada pelo tempo. Com uma estilística e uma estética própria, o povo transforma os seus amores, as suas alegrias, as suas decepções, a sua visão sobre o

---

11 Este termo representa a totalidade de obras traduzidas, adaptadas e criadas por surdos e ouvintes fluentes integrantes da comunidade linguística minoritária, comunidade surda. Sendo assim, a Literatura Visual abrange: a Literatura Surda (obras criadas e adaptadas por autores surdos); a Literatura em Libras (obras traduzidas por surdos e ouvintes fluentes em Libras); e ainda, as literaturas para surdos escritas em português publicadas por ouvintes integrantes não nativos da comunidade linguística surda, com respaldo desta comunidade.

mundo em poesia. A cada novo tempo, em todo distinto espaço, o texto popular é modificado pelas gerações. A modernidade filtra o discurso, dando feições singulares à tradição, que se renova porque se deixa influenciar pelo desconhecido, pelo estranho, pelo novo. O conhecimento erudito e a sabedoria popular não se anulam, mas antes cruzam-se e se contaminam. (RODRIGUES in FARIA E ASSIS 2012; p:51-52)

Partindo dessa contextualização dos dois mundos paralelos, onde a vivência bicultural e bilíngue dos sujeitos surdos se torna real, e do entendimento desses cidadãos brasileiros como integrantes de uma comunidade linguística minoritária, que produzem uma literatura de diversos gêneros e com uma multiplicidade de formatos de registros, passaremos a seguir, para análise e reflexão de uma obra clássica mundial.

### 3. Revisitando *Os três porquinhos*

Este estudo bibliográfico consistiu na análise duas adaptações da obra *Os três porquinhos*, produzidas por alunos licenciandos da turma pioneira do curso Letras/Libras da UFPB. Essas versões adaptadas foram produzidas em práticas desenvolvidas na disciplina de Estágio de Ensino da Literatura Surda e publicadas em Adriano e Peixoto (2013).

Na disciplina foi apresentada a obra original traduzida para a Libras (Figura 4)<sup>12</sup> e partindo do conhecimento da obra original, foi proposto aos alunos que produzissem adaptações que recontassem esta história no contexto da vivência de mundo da comunidade surda.

Figura 4: *Os três porquinhos* (obra traduzida)



Fonte: youtube.com

Logo, das duas recriações selecionadas desta experiência a primeira que iremos analisar consiste na adaptação feita por Kledson de Albuquerque Alves, Maria Gorete de Medeiros, e Francisca Josseany da Silva Campos (Figura 5).

<sup>12</sup> Produzida pelo instituto nacional de surdos e distribuída gratuitamente pelo MEC, além de disponibilizada na internet em diversos sites.

Figura 5: Adaptação de *Os três porquinhos*



Fonte: Adriano e Peixoto (2013, p. 133)

Os autores desta recriação optaram pelo registro em língua portuguesa e narram uma interessante história para ler e colorir sobre a luta pela sobrevivência dos três porquinhos denominados de Bi, Lingu e Ismo contra as investidas maléficas do Lobo mau denominado de Oralismo.

Para os conhecedores dos aspectos históricos que envolvem os surdos de todo o mundo, os nomes dos personagens desta evidenciam com criatividade o percurso desde a filosofia educacional oralista, decretada em 1880 no congresso de educadores em Milão, que proíbe o uso da Língua de Sinais na comunicação, até os dias atuais com a existência da denominada filosofia educacional Bilinguismo.

Assim sendo, é notória a ênfase que esta história faz à analogia de um enfrentamento onde: de um lado estão os sujeitos surdos lutando pelo direito de ser diferente e o desejo de liberdade de poderem construir um alicerce democrático com o Bilinguismo; e do outro lado a oposição de uma forte filosofia denominada Oralismo que insiste em homogeneizar os sujeitos surdos segundo os moldes dos ouvintes proibindo o uso de sua língua natural a língua de sinais, devido ao desejo normalizador de uma comunidade majoritária ouvintista. Quanto a isto, Perlin in Skliar (2005, p. 58) elucida:

O discurso surdo inverte a ordem ouvintista, tem o peso da resistência. Rompe e contesta as práticas historicamente impostas pelo ouvintismo. E o discurso surdo continua na busca de poder e autonomia. Alguns ouvintes podem ficar ofendidos com a afirmação que contribuem para ouvintizar o surdo, o que se fale do vício de referir-se ao surdo como portador de anomalias e se reportem à exibição da experiência auditiva como superior frente ao surdo. Na verdade, esse comportamento da maioria ouvinte somente admite ambientes ouvintes com autoridade e regras sociais. A tendência em impor representações de identidade, ou em construir identidades purificadas para se restaurar a coesão continua sobre o surdo.

A segunda adaptação analisada, da autora Priscilla Andrade, não foge também deste discurso com peso de resistência citado pela autora como é possível constatar no seu texto na íntegra abaixo retirado de Adriana e Peixoto (2013, p. 132):

Era uma vez três porquinhos, um era de identidade surda flutuante, o segundo de identidade surda de transição e o último de identidade surda. Os três viviam um

dilema: a falta da audição! Mas isso cada um resolveu do seu jeito. O primeiro porquinho não aceitava o fato de ser surdo, não se interessava muito pela aquisição da Libras para se comunicar, mas também não conseguia pronunciar a língua oral, nem ouvir. Ele nem se encaixava no mundo surdo, nem no mundo ouvinte. O segundo porquinho encontrou a Língua de Sinais, quando já adulto, então sentia um pouco de dificuldade de se comunicar com os outros surdos, e mesmo querendo, às vezes não conseguia acompanhar o ritmo ou o nível da conversa. O terceiro porquinho, por sua vez, era filho de pais surdos, nasceu inserido na comunidade surda, tinha Língua de Sinais fluente e participação efetiva nas lutas do povo surdo. Certo dia, veio a filosofia educacional chamada de Oralismo e o primeiro porquinho ficou encantado por ter esperança de ser igual a um ouvinte, de poder oralizar e de ler os lábios das outras pessoas, usar aparelhos, conseguir ouvir, e assim, se comunicar com todos. Mas ele viu que nem todos tinham paciência para entendê-lo, nem todos falavam pausadamente ou tinham boa articulação. Assim, não havia uma comunicação plena e efetiva, mas ao invés disso aconteciam aborrecimentos, informações truncadas e falhas na comunicação. Ele percebeu que não iria muito longe com o Oralismo e recorreu a seu amigo, o segundo porquinho, que estava tentando a Comunicação Total, eles estavam encantados por poderem se comunicar através de tudo, o que importava era a comunicação para eles. Não passou muito tempo, quando viram que esta filosofia também não estava funcionando muito, e procuraram o terceiro porquinho. Este estava muito bem, estudava numa escola bilíngue, seus pais se comunicavam com ele através da LS<sup>13</sup>, ele sabia resolver suas obrigações e necessidades praticamente sozinho, tinha opinião própria, e estava lutando para que a sociedade se adequasse a ele e não ele a sociedade. Observaram também que este porquinho não estava sozinho, tinha muitos outros porquinhos iguais a eles a quem podiam se unir. Viram que outros também começavam a aprender a LS e os ajudavam no dia a dia. Na escola bilíngue de porquinhos (que interessante!), o boi era professor, a vaca também, mas todos falavam a mesma língua, e assim, os porquinhos aprendiam tudo. Assim, o primeiro e o segundo porquinho convidaram seus pais e familiares para ali aprenderem LS. E assim, se tornaram lutadores pela causa do povo surdo vivendo com a LS sempre felizes!

Por conseguinte, nesta recriação, a mesma temática referente as filosofias educacionais foi abordada. Porém dessa vez, a representação do Oralismo e do Bilinguismo, acompanhada da Comunicação Total<sup>14</sup>, foi apresentada como o desejo de construção identitária dos três sujeitos, havendo assim, uma analogia a busca do material ideal para a concretização da realização do desejo de construção dos tipos de casas, da história original.

Outro elemento relevante nesta narrativa envolvente e com patente conteúdo crítico, é o fato dos três porquinhos representarem três identidades surdas apresentadas pela pesquisadora surda Perlin in Skliar (2001).

Segundo esta autora, os cinco tipos de identidades que refletem a heterogeneidade do fenômeno da surdez nos indivíduos são: **identidade surda flutuante**, aquela na qual o sujeito com grande dificuldade de se aceitar como surdo, não tem um referente e flutua entre a cultura ouvinte e a cultura surda, sem construir um elo de pertencimento; **identidade surda**

---

13 Língua de Sinais

14 Filosofia que surgiu em 1960 na educação de surdos pouco antes do surgimento do Bilinguismo em 1980, considerada como intermediária por acreditar no uso simultâneo das duas línguas no momento do diálogo. Em estudos sobre esta abordagem, constatou-se que esta prática gerou prejuízos por não respeitar línguas com gramáticas distintas e consequentemente produzir comunicações fragmentadas e ineficientes nos sujeitos surdos.

**incompleta**, são sujeitos que não convivem com outros surdos, se enxergam de forma estereotipada e desenvolvem uma crença que os ouvintes são superiores, ou seja, é a própria negação da surdez; **identidade surda de transição**, refere-se aos surdos que têm contato tardiamente com a comunidade surda, a maioria dos surdos, passa por este momento de transição, visto que são filhos de pais ouvintes; **identidade surda híbrida**: é o nome dado para a identidade surda apresentada pelos sujeitos que nasceram ouvintes, conhecedores da estrutura da língua portuguesa (sua primeira língua) e que posteriormente ficaram surdos. Os possuidores deste tipo de identidade pensam em português e dependem da língua de sinais, de certa forma eles fazem uso de identidades diferentes em diferentes momentos, sujeitos bilíngues e biculturais; **identidade surda**: os surdos que possuem este tipo de identidade têm um elo de pertencimento com a comunidade surda e está totalmente inserido nela. Tem uma identidade política com militância pelo direito de ser diferente, faz uso da língua de sinais e normalmente é surdo congênito ou ensurdeceu muito cedo.

#### 4. Referências

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional. 1976.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Literatura Surda. ETD - Educação Temática Digital* 7, 2006, 2, pp. 98-109. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-101624> acessado em 12/12/13.

PEIXOTO, Janaina Aguiar. *O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil*. João Pessoa. UFPB, 2016.

PERLIN, G. T. T. Identidades Surdas. In SKLIAR, C. *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

RODRIGUES, Hermano de França. *Literatura e Cultura Popular*. in FARIA, Evangelina Maria de Brito; ASSIS, Maria Cristina. (Org.) *Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas* Vol. 6. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. *Adão e Eva*. – Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. *Patinho Surdo*. – Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

SILVEIRA, Carolina Hessel; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. *Cinderela Surda*. – Canoas: Ed. ULBRA, 2003.

SILVEIRA, Carolina Hessel; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. *Rapunzel Surda*. – Canoas: Ed. ULBRA, 2003.

STROBEL, K. L. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel. Imagens da Identidade e Cultura Surdas na Poesia em Língua de Sinais. In QUADROS, Ronice Muller. *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais*. Petrópolis. Arara Azul. 2008.

VILHALVA, Shirley. *Despertar do Silêncio*. Mato Grosso do Sul: Arara Azul. 2004.

RECEBIDO EM 28-05-2017

APROVADO EM 06-06-2017